

CNI prevê crescimento de apenas 2,9% do PIB

MARCELO TOKARSKI
DA EQUIPE DO CORREIO

Depois do mercado financeiro, agora foi a vez de o pessimismo tomar conta de vez do setor produtivo. A Confederação Nacional da Indústria (CNI) reuiu suas projeções de crescimento para a economia brasileira este ano. Ao invés dos 3,7% estimados em abril, agora a entidade projeta um incremento de apenas 2,9% no Produto Interno Bruto (PIB) de 2005. O índice fica abaixo dos 3,3% calculados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), órgão ligado ao governo; dos 3,2% apontados pela pesquisa Focus, feita junto a 100 instituições financeiras; e ainda mais distante dos 4% alardeados pelo ministro da Fazenda, Guido Mantega. Para o PIB industrial, a CNI fala agora em um crescimento de 3,5%, contra 5% da previsão anterior.

Na avaliação da CNI, a culpa pelo baixo crescimento é da política monetária, que manteve os juros em patamares altos por mais tempo do que seria necessário, e da valorização do real frente ao dólar, que reduziu o volume das exportações brasileiras. A maior contribuição à alta de 2,9% no PIB virá, segundo a CNI, do consumo das famílias (4,3%), devido à ampliação do crédito e ao aumento de renda, promovido pelos ganhos salariais e pelos programas sociais de distribuição de renda.

“O segundo trimestre foi muito fraco (crescimento de apenas 0,5%). Mesmo que a economia se recupere um pouco no segundo semestre, não haverá tempo suficiente para um crescimento mais robusto”, afirma o economista-chefe da CNI, Flávio Castelo Branco. Para ele, o Banco Central (BC) errou no calibre dos juros. “O rigor da política monetária durou mais do que deveria. O BC demorou a reduzir e o fez devagar demais. Prova disso é que a inflação está abaixo da meta”, afirma. O IBGE divulgou ontem a inflação oficial medida até o dia 15 de setembro (IPCA-15), que registrou apenas 0,05%, ante 0,19% de agosto, sob impacto de quedas de preços nos combustíveis e nos produtos alimentícios. No ano, o índice acumula alta de 1,92% e, em 12 meses, de 3,69%. O centro da meta perseguida pelo BC é 4,5% ao ano. “Isso afugentou in-

EMPRESÁRIOS RECLAMAM

Celio Messias/AE



Fabricantes de calçados protestaram ontem em Franca (SP), um dos pólos produtores do país. Com a perda do mercado externo devido a valorização do real e a queda na produção e no emprego, os calçadistas chamam a atenção para a crise no setor. Os empresários pretendiam queimar cerca de mil pares, que chegaram a ser amontoados no local do protesto, mas optaram por colocar fogo (foto) em 25 pares após pedido das autoridades ambientais. Outros 1.500 pares foram doados para entidades assistenciais e serão vendidos em uma feira beneficente.

vestimentos e desaqueceu a economia”, o economista.

De acordo com Castelo Branco, a redução do volume exportado também contribuiu para o desaquecimento. Ele explica que o saldo da balança comercial em dólares deve crescer este ano, mas em função do aumento de preço das commodities, não do crescimento das exportações. “E o problema é que, a partir de 2007, a economia mundial não deverá crescer na mesma velocidade que nos dois últimos anos”, ressalta.

Em 2004 e 2005, o setor exter-

no contribuiu com um crescimento de 1,1 e 0,8 ponto percentual no PIB, respectivamente. No primeiro semestre deste ano, a contribuição foi de 1,0 ponto negativo. A CNI calcula que feche em 1,5 negativo em todo o ano. “O Brasil vai ter um crescimento abaixo da média dos países emergentes”, afirma o presidente licenciado da CNI, Armando Monteiro Neto. Segundo ele, 2007 deve registrar um crescimento superior a este ano.

COLABOROU LUCIANA NAVARRO

Agronegócio vai mal

LUCIANO PIRES
DA EQUIPE DO CORREIO

A esperada recuperação do agronegócio dá sinais de que não acontecerá tão cedo. Apesar da ajuda do governo, do aumento da oferta de crédito pelos bancos de fomento e da rolagem de dívidas, o setor ainda patina. Números divulgados ontem pela Confederação da Agricultura e da Pecuária do Brasil (CNA) indicam que o Produto Interno Bruto (PIB) da agropecuária recuou nos seis primeiros meses do ano. Mantido esse ritmo, a atividade rural deverá produzir riquezas da ordem de R\$ 147,34 bilhões ao final 2006 — redução de 3,72% ou perda de R\$ 5,7 bilhões em comparação aos R\$ 153,04 bilhões registrados em 2005.

No comércio exterior, o cenário é um pouco melhor. A balança comercial do agronegócio registrou saldo de US\$ 27,59 bilhões entre janeiro e agosto — 9% a mais do que o acumulado no mesmo período de 2005 (US\$ 25,30 bilhões).

Em entrevista ontem ao *Bom dia Brasil*, da TV Globo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva tentou explicar as razões para o mau desempenho do campo. “Houve excesso de produção, praga, seca. E quando houve, nós socorremos”, afirmou. Lula ressaltou que, para a próxima safra, os produtores terão R\$ 60 bilhões em financiamento para plantar ou criar, disse que não há como controlar as intempéries e criticou os que cobram ações mais duras da Fazenda para ajustar o câmbio.

A CNA, em seu estudo, aponta para a “continuidade e a gravidade” da crise que se abateu sobre o campo a partir de 2004. A entidade, que no ano passado acreditava que em 2006 poderia haver o início da recuperação da renda do produtor e a redução no nível de endividamento, agora projeta pequenos ganhos somente a partir de 2007.